

SERGE MARGEL
ARQUEOLOGIAS DO FANTASMA
(técnica, cinema, etnografia, arquivo)



SERGE MARGEL
ARQUEOLOGIAS DO FANTASMA
(técnica, cinema, etnografia, arquivo)

ORGANIZAÇÃO
João Camillo Penna

TRADUÇÃO
Maurício Chamarelli
Anne Dias



Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

© Relicário Edições
© Serge Margel

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

Ar772

Arqueologias do fantasma : técnica, cinema, etnografia,
arquivo / Serge Margel; Organização João Camillo Penna;
Tradução Maurício Chamarelli, Anne Dias. - Belo Horizonte:
Relicário Edições, 2017.

196 p.; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-85- 66786-62-0

1. Filosofia. 2. Benjamin, Walter, 1892-1940.
3. Margel, Serge, 1962- I. Penna, João Camillo.
- II. Chamarelli, Maurício. III. Título: técnica, cinema,
etnografia, arquivo

CDD 100

COORDENAÇÃO EDITORIAL Máira Nassif Passos
PROJETO GRÁFICO Ana C. Bahia
DIAGRAMAÇÃO Paula Campelo
TRADUÇÃO Maurício Chamarelli e Anne Dias
REVISÃO Paula Campelo

RELICÁRIO EDIÇÕES
www.relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

APRESENTAÇÃO **7**

1. A OBRA DE ARTE NA ERA DA REPRODUTIBILIDADE

FANTASMAL **13**

A ARQUEOLOGIA DO CINEMA

Benjamin e o traumatismo das metrópoles **15**

OS CORPOS IN VITRO

Benjamin e as "passagens" parisienses **47**

OS FANTASMAS DA ATUALIDADE

O senso crítico de Brecht a Benjamin **73**

2. É PRECISO COMER O SEU DUPLO:

JEAN ROUCH E O FILME ANTROPOFÁGICO **91**

3. ARQUIVO, MEMÓRIA E TESTEMUNHO **109**

OS ARQUIVOS, NO LIMITE ENTRE ESCRITA E SABER **111**

OS ARQUIVOS UNIVERSAIS DA HUMANIDADE **141**

O TRAUMATISMO DE BABEL

As memórias fantasmas de Édouard Glissant **171**

SOBRE O AUTOR **195**



APRESENTAÇÃO

A ESPECTROLOGIA DE SERGE MARGEL

João Camillo Penna

Para muitas pessoas é extremamente inquietante tudo o que se relaciona com a morte, com cadáveres, e com o retorno dos mortos.

Freud

Talvez exista uma linha que atravessa as mal denominadas culturas primitivas, a modernidade e a pós-modernidade: todas elas são assombradas pela memória dos espíritos, assombrações materializadas em objetos técnicos, que passam a ser depositários delas; a espectralidade tecnológica é o que nos une. Haveria lugar aqui, quem sabe, para se pensar um traço metafísico de união, ou modos específicos e diferenciados de metafísicas distintas, que resta a explorar, na trilha de Heidegger que viu, na técnica moderna, o acabamento e a realização da metafísica. Serge Margel tem se ocupado sistematicamente do tema, e é este o motivo que retorna e literalmente assombra esta série de conferências proferidas por ele no Brasil. Qual a consistência

ontológica do fantasma (*fantôme* e não *fantasme*, em francês) ou espectro, sua condição material e histórica de sobrevivência, seu funcionamento insistente e cada vez mais presente em sua ausência em nossas vidas? Esta é a pergunta que Serge Margel tenta responder.

As sete conferências aqui enfeixadas foram proferidas por Serge Margel, no Brasil, em 2015 e 2016, em três universidades: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Nacional de Brasília e Universidade Federal de Juiz de Fora. As traduções foram feitas por dois pesquisadores vinculados a estas instituições, na época cursando a Pós-Graduação, Maurício Chamarelli (UFRJ) e Anne Dias (UnB), o tratamento do texto para a impressão foi realizado no Laboratório de Edição (UFRJ).

O material aqui apresentado retoma temas caros da pesquisa de Serge Margel publicada em livro, mas praticamente desconhecida do leitor brasileiro. Ele condensa e remaneja aqui conteúdos que aparecem nos seguintes livros: *L'autonomie de l'œuvre d'art. Logique des surfaces et avant-gardes* (Musée d'art moderne et contemporain, Genève, 2017); *Les archives fantômes. Recherches anthropologiques sur les institutions de la culture* (Ed. Lignes, 2013), e “Corpo de estrela e sex machine: sobre a estética do glamour” (*La société du spectral*, ed. Lignes, 2012)¹ dentre outros.

O arco de questões tratadas é bastante amplo: o papel do cinema na revolução tipográfica da poesia, e por outro lado, simetricamente, a arqueologia do cinema encontrada na poesia,

1. Serge Margel. “Corpo de estrela e sex machine – sobre a estética do glamour”. *O Mutum* – Revista de literatura e pensamento. Brasília, UnB, n. 1, jan-jul. 2013, p. 161-182.

os corpos vitrificados nas vitrines das passagens, e as lojas de departamento, todo o corpo de questões propostas pela modernidade fantasmagórica entrevista por Walter Benjamin em Paris, a capital do século XIX; o cinema etnográfico de Jean Rouch e a câmera antropófaga, devoradora de duplos; o arquivo, o testemunho, o artefato museográfico, o trauma não registrado do tráfico de escravos no contexto colonial, a etno-ficção de Édouard Glissant. Todos estes temas têm a sua intercessão no fantasma ou espectro, gravado em uma memória exterior, técnica de escrita, rastro, marca, sinal, traço grafado em um suporte. Escritas-cripta, criptogramas, a escrita cifra uma morte que vem assombrar a vida dos vivos, eles próprios vivendo cada vez mais através da morte que os habita.

Está em Platão a divisão fundante entre a *mneme*, ou memória viva, e a *hypomnesis*, a memória instrumental, lembrada aqui por Serge Margel (p. 128), ao analisar o funcionamento dos arquivos, e que encontra na *Farmácia de Platão* de Jacques Derrida, quem sabe, a sua formulação desconstrutiva quase originária. A mnemotécnica, a memória técnica, é uma escrita de fantasmas, ali se inscreve a memória dos mortos, presentificada pelo suporte. A fotografia e o cinema, as técnicas examinadas por Walter Benjamin em seu nascimento, antes delas a própria escrita, e depois delas, a televisão, a tecnologia eletrônica e digital dos computadores, etc. são todas formas hipomnésicas, instrumentos de gravação e registro, que parecem ocupar um espaço crescente em nossas vidas. Essas memórias objetivas, suportes materiais de gravação, acabam literalmente por substituir a memória viva, integrando um mundo de próteses objetivas que nos acompanham em nossas vidas. Mas quem sabe a própria

memória viva só exista a partir do suporte, e toda *mneme* seja de fato *hypomnesis*, conclui famosamente Derrida.

Acompanhemos brevemente esse processo de substituição protética: as mídias desempenham em seu início o papel de escudo compensatório pelo trauma da vivência nas grandes cidades, este é o testemunho prestado por Benjamin, que Serge Margel reconstitui aqui em seus meandros. A simbiose entre aparelho e vida, a intrusão das máquinas em nossa existência, inicia um processo sem retorno, cujo desdobramento seguimos desde então. Na *sociedade do espetáculo* de Guy Debord, teríamos ainda uma subjetividade alienada pelo consumo de imagens, porém no que Serge Margel denomina *sociedade do espectral* já não teríamos mais um sujeito, mas um fantasma objetivado que ocupa o lugar do sujeito, a produção de imagens definitivamente transformada em reprodução, a própria relação entre as pessoas passando a se dar pelas mídias. Eis o estado acabado do processo: “A espectralização das relações sociais transforma os ‘sujeitos’ em uma série de objetos de um discurso sem sujeito – de uma visão sem olhar, de uma visada sem intenção, de uma interpelação sem endereço, de uma linguagem sem palavra” (p. 74). Esta é, segundo Serge Margel, a sociedade em vivemos hoje em dia, aquela “onde os sujeitos se tornam fantasmais” (p. 89), o que modifica também o lugar do discurso crítico e da crítica, devidamente solapado pelo violento expurgo da autonomia subjetiva, condição *sine qua non* para o exercício da crítica. O *Gestell* heideggeriano, literalmente “estante”, “pedestal”, “composição”, na tradução de Emmanuel Carneiro Leão, a palavra que Heidegger escolheu para designar a essência da técnica moderna, e que Lacoue-Labarthe traduziu por “estela”, é uma

prótese fantasmática. Para Serge Margel, a época do acabamento e da realização da metafísica tem um nome: espectrologia, não apenas um estudo dos espectros, mas uma ontologia espectral, na esteira do que Derrida circunscreveu com o neologismo, *hantologie*, uma ontologia de assombrações.

Um processo análogo de destituição do sujeito pode ser encontrado aonde menos se esperava: no cinema-direto de Jean Rouch, um cinema protético, e não mais mimético, cinema convertido em extensão do corpo, da pele, do olho, orelha ou estômago (p. 95). Idem para o funcionamento dos arquivos, que trazem à vida a sobrevivência da memória do passado, que retorna enquanto fantasma. É na generalização do regime espectral que Serge Margel situa o contemporâneo, e na partilha desses arquivos que deve se pensar uma “política dos arquivos” (p. 114).

A colonização produz os seus arquivos, e distribui soberanamente a sua autoridade e legitimidade. É esta partilha colonial que é posta em cheque com a crise de soberania que identificamos na contemporaneidade com a descolonização. Serge Margel persegue o processo de constituição da etnografia, a partir do sequestro de artefatos pertencentes às sociedades ditas primitivas, como luto e memória do seu desaparecimento, destinado a produzir um arquivo universal dessas culturas, sob a forma do museu etnográfico que congregasse esse conjunto de rastros, administrado pelos países colonizadores, como reverso em negativo do processo de destruição genocida (e etnocida, diria Pierre Clastres) configurado na modernização. É essa história imperial que está sendo recontada agora, com o resgate do acontecimento traumático constitutivo da colonização, e a reconstrução de um presente comum, partilhado entre coloni-

zadores e colonizados (p. 164). É neste momento que ocorre o repatriamento daqueles mesmos objetos coletados pelos museus etnográficos aos seus países de origem, como desconstrução de um butim arquivístico, o espólio do processo de coleta, retirada e exposição que os constituiu. É aqui que brilha com força o projeto etno-ficcional de Édouard Glissant de reconstrução da memória dos escravos. “Uma memória destruída, sem história, sem origem nem destino, sem sujeito nomeado nem trabalho de luto. É uma memória sem testemunho” (p. 174). A ficção é encarregada então de criar um passado que literalmente não existe, uma “história sem rastro” (p. 179). É nesta ficção que tem um papel central a Plantação, como lugar mesmo da mecânica do trabalho escravo, aquele lugar sem memória, que caberia registrar enquanto “efeito do esquecimento”, enquanto, por assim dizer, “aparição do desaparecimento” (p. 188). São essas vozes vertidas em línguas habitadas pelos fantasmas das línguas dos escravos ressoando nas Plantações que deveriam habitar a língua escrita. Este é o programa de “fazer reviver esses fantasmas”, aonde se reabilitaria “o acontecimento traumático do Tráfico de escravos” (p. 190), da poética antilhana de Glissant.

Este livro é um projeto coletivo e interinstitucional. Ele não teria vindo à luz sem a colaboração de muitas pessoas e instituições. A elas cabe aqui agradecer: Fabrícia Wallace, Alberto Pucheu Neto, Piero Eyben, Danielle Corpas, Ricardo Pinto de Souza, André Monteiro. Foram utilizadas verbas provenientes da bolsa Cientista do Nosso Estado da Faperj, de produtividade em pesquisa do CNPq e da Capes.